



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

POR QUE TRABALHAR COM O POEMA EM SALA DE AULA?

Cássio Almeida da Silva*

José Adailton Pinto de Souza**

1 INTRODUÇÃO

A linguagem é um dos maiores recursos que o ser humano possui para alcançar tudo quanto mais deseja na vida. Cada pessoa depende da linguagem para viver em sociedade, pois ela é a base da cultura e dificilmente haveria civilização se não fosse o emprego da linguagem e o poder das palavras. É através delas que influenciemos e provocamos as mudanças, quase sempre, necessárias para construir uma vida melhor.

Segundo Cosson (2014, p.15)

“O nosso corpo linguagem funciona de uma maneira especial. Todos nós exercitamos a linguagem de muitos e variados modos em toda a nossa vida, de tal modo que o nosso mundo é aquilo que ela nos permite dizer, isto é, a matéria construtiva do mundo é, antes de qualquer coisa, a linguagem que o expressa”.

As palavras são muito poderosas, quando saem de nossa boca tem o potencial de criar ou dissipar estresses, cativar ou afastar pessoas, conquistar ou destruir sonhos, provocar paixão ou abrir feridas que duram por uma vida inteira. Tudo vai depender de nossa habilidade de lidar com elas no tempo, dose, forma e tempero adequado.

Em uma sociedade letrada como a nossa, há milhares de possibilidades de exercitar a linguagem através do uso das palavras. Porém, uma forma ocupa o

* Licenciado em Letras Português pela Faculdade Barão de Rio Branco – FAB e Aluno do programa de Mestrado Profissional em Língua Portuguesa – PROFLETRAS – UFAC. mrcassio13@hotmail.com.

** Licenciado em Letras Português pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM e Aluno do programa de Mestrado Profissional em Língua Portuguesa – PROFLETRAS – UFAC. adailtonps@ufam.edu.br

lugar privilegiado. Que é a escrita. Todos os acordos humanos na nossa sociedade passam de uma forma ou de outra, pela escrita. Até mesmo aquelas comunidade em que aparentemente são orais ou imagéticas. Um exemplo é o discurso de candidatos no programa gratuito televisionado com o locutor que lê um texto escrito ou mesmo práticas culturais de origem oral como na literatura de cordel, com versos registrados em folha de papel para serem comercializados nos pontos turísticos dos grandes centros. A escrita é, assim, o mais poderoso instrumento de comunicação e libertação dos isolamentos físicos do ser humano.

Dessa forma, a linguagem encontra na literatura a mais perfeita atividade de interação. Pois, seja pela leitura ou pela escritura, consiste em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra, que não tem resquício em outra atividade humana.

Sabemos o valor que os textos literários possuem, mas algumas de suas contribuições, principalmente, no que tange a formação do sujeito-leitor são desconhecidas. Porém, vivenciar textos literários (poéticos) em sala de aula ou fora dela pode propiciar, além de um alargamento no intelecto, a elevação da imaginação, a oportunidade de refletirmos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. Pois, através desses textos podemos romper com os limites de tempo e espaço e sermos o outro em nós mesmos, sem falar do sentimento de reafirmação aos próprios sentimentos e ações do leitor.

A poesia é capaz de deixar o ser humano mais sensível, mas para isso, deve ser levado em consideração tanto a recepção quanto às contribuições desse gênero para as novas visões leitoras. No entanto, é indispensável uma reflexão sobre a abordagem da poesia na sala de aula, como também vivenciar alguns dos caminhos traçados por professores no processo de aprendizado nas escolas.

É competência da escola disponibilizar espaço de conhecimento, auxiliando os seus alunos a aprofundarem as relações afetivas e intelectuais com as obras, a fim de poder construir, progressivamente, a história leitora, desenvolvendo a autonomia frente aos conhecimentos.

Segundo Sorrenti (2009, p.19) “Caberia, pois, a escola criar situações para incentivar a criatividade, a intuição e o ludismo do aluno, de modo a despertar-lhe a sensibilidade poética”.

Vale ressaltar que o papel da escola não é formar poetas, embora isso possa acontecer, mas sim possibilitar que o aluno tenha a liberdade de criação, de expressão e de imaginação.

“Mais é preciso muita cautela em se trabalhar textos poéticos com alunos, pois ao tentar criar no aluno o gosto pela poesia. No entanto, ela pode ser, por vezes, responsável pelo desgosto pela poesia” (Sorrenti 2009, p.17).

A escola serve de trampolim, impulsionando o leitor às mais variadas possibilidades da relação entre o pensar e o sentir, tornando-o apto a fluir todo texto. Mais para que isso ocorra é preciso do entusiasmo do professor. Um professor sensível ao texto poético torna-se o grande iluminador do encontro texto-leitor. Ele é peça chave na formação do gosto pela poesia.

Alguns conhecimentos da terminologia técnica como rima, ritmo, cesura, redondilha, etc., será perfeitamente dispensável nos primeiros encontros, sendo mais importante o próprio exercício de dizer e ouvir poemas e de participar com o poeta na identificação do texto poético. É muito mais significativa a atribuição de sentido ao texto lido. É importante que o professor estabeleça acordos de leitura, com objetivos definidos, e por meio destes, os discentes saberão qual é a expectativa em relação à leitura solicitada.

Porém, em muitas conversas com colegas de profissão, muitos apresentam resistência em trabalhar a leitura poética em sala de aula; e as justificativas são muitas; vão desde não saber como proceder, afirmar que o referido gênero demanda tempo e paciência para ser trabalhado.

Numa escola marcada pelo utilitarismo, apregoa-se que cada aluno deve aprender e não perder seu tempo, nem tomar de seus professores. Infelizmente, a poesia e a arte em geral participam dessa área denominada “não lucrativa” em que se insere as atividades prazerosas e lúdicas, e, por conseguinte, são desvalorizadas dos programas de vida de uma sociedade voltada para o lucro. Acabando por privar os alunos dessa “experiência inigualável”.

Para Sorrenti (2009, p.19)

“A poesia pode estabelecer uma ponte entre o aluno e o mundo. Ela também constitui uma maneira de ensinar a dominar certos ritmos fundamentais do ser, como o respirar. Pela expressão da fala, o aluno se apropria de suas possibilidades, adquirindo domínio de sua palavra”.

Dessa maneira, ressalta-se que a formação de um leitor eficiente acontece por meio da recepção dos alunos aos textos e por isso é preciso que o professor tenha a sensibilidade e conhecimento necessário para assim estar apto a estar em sala de aula.

2 LEITURA E A FORMAÇÃO LEITORA

Segundo Dionísio (2000, *apud* Cosson, 2014, p.25)

“Ler, no sentido de construção de sentidos a partir de textos, supõe norma, códigos de interpretação aprendidos numa comunidade; supõe a aprendizagem de comportamento face ao texto e ao contexto onde se lê, comportamentos ‘oficialmente’ sancionados e culturalmente aceites relativamente ao que ser uma leitura apropriada, ao que deve ser resposta ao leitor e, também, ao que é texto válido. Nesta perspectiva, os códigos de leituras ensinados, qualquer que seja o modelo pedagógico, podem ser vistos como conjuntos de constrangimentos na relativa liberdade interpretativa dos alunos leitores”.

A leitura é um processo que não se fixa a conceitos restritos, uma vez que ler é dar sentido ao que está escrito fazendo a ponte com o meio e as vivências trazidas pelo leitor e por isso que esse ato é visto por muitos teóricos como um ato que se materializa com a inteiração entre os diversos conhecimentos do leitor como: conhecimento linguístico, textual e de mundo.

De acordo com Cosson (2014, p.27),

“Ler, implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço”.

Assim, ao ler um texto, buscamos sentidos, o que equivale a dizer que cada leitura comporta a possibilidade de participação nos textos do outro, pela dupla via de receber e refazer o texto.

De acordo com o PCN (1998), práticas e projetos de leitura “são situações didáticas para o contato direto com os diversos tipos de atividades em que a linguagem oral, linguagem escrita, leitura e produção de textos se inter-relacionam de forma contextualizada, pois quase sempre envolvem tarefas que articulam esses diferentes conteúdos”.

Dessa forma o bom leitor é aquele que gerencia com o texto os sentidos da vida, compreendendo que a leitura envolve muitas vozes e nunca será um ato unívoco.

Portanto, para que o aluno percorra esses caminhos na leitura é necessário que o professor seja um mediador sensível ao texto tornando-se o grande iluminador. Ele é a peça mais importante na formação do gosto pela leitura.

O grande desafio é fazer com que os professores se sintam seguros quanto às práticas pedagógicas ao ponto de saberem quando endossar as atividades propostas nos programas escolares de cada série ou quando propuser outras. Formar praticantes da leitura e da escrita e não só sujeitos que possam “decodificar” o sistema da escrita, formar pessoas críticas, autônomas na leitura, capazes de ler nas entrelinhas e de assumir uma postura frente à defendida no texto.

3 A IMPORTÂNCIA DA POESIA NA SALA DE AULA

A poesia se faz presente na vida das pessoas, e a linguagem é cada vez mais necessária por ser uma das mais representativas formas de arte. Acredita-se que ela chega a todas as esferas da vida social, inclusive na escola, onde desperta em muitos professores certo desinteresse em se trabalhar tal gênero com o argumento de que não podem ocupar suas aulas com a simples leitura de textos poéticos. Muitos desses colegas de profissão chegam a se sentirem mais tranquilos ocupando o tempo reservados as aulas com ensino de gramática.

Muitas vezes nos leva a pensar se a escola agindo dessa forma não está sufocando a capacidade criadora de seus alunos ou, se não sufoca, empobrece-a, pois desestimula a capacidade dos alunos criarem.

Sabe-se que a poesia pode ser a porta de entrada entre o aluno e o mundo. Durante muito tempo se perpetuou na escola a ideia de que para aproximar o aluno da poesia, bastava apresentar-lhe textos de qualidades. Porém, sabe-se que é a soma de muitos elementos para que essa aproximação entre os quais possa de fato existir.

Não é suficiente agrupar bons textos e disponibilizar aos estudantes deixando tudo por conta da magia das palavras. O professor torna-se o dinamizador

imprescindível para a criação da atmosfera ideal nas aulas de literatura e trabalhos com textos poéticos.

Rildo Cosson, no seu livro *Letramento literário: teoria e prática*, defende que o processo de letramento literário é diferente da leitura literária. Para ele, a literatura deve ser ensinada na escola:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização". (Cosson, 2014, p. 23)

Portanto, a escola desempenha um papel fundamental, visto ser ela a principal responsável pela formação e consolidação de alunos leitores, para que sejam críticos e cidadãos atuantes de fato no mundo em que estão inseridos.

CONCLUSÃO

É necessário que a escola e a sociedade convertam o ensino de literatura em uma prática de estudo significativo na sala de aula. É preciso quebrar os limites, as repetições impostas pelos estudos conservadores. Faz-se necessário converter a prática de ensino limitada, enfadonha e repetitiva numa modalidade que faça o aluno se sentir parte do processo transformador, crítico e inesgotável de saberes e poderes, que é a prática de leitura, além de ter prazerosas emoções de adentrar-se na construção significativa de um texto literário.

O professor deve trabalhar com a poesia com seus alunos, pois vem sendo como um dos gêneros mais eficazes para explorar o desenvolvimento das habilidades de percepção sensorial dos estudantes, do senso estético e de suas competências leitoras e simbólicas. A inteiração através da poesia é uma das responsáveis pelo desenvolvimento pleno da capacidade linguística dos estudantes com o acesso a linguagem conotativa e o refinamento da sensibilidade para a compreensão de si próprio e do mundo.

Desta forma, é muito importante trabalhar a poesia em sala de aula com o auxílio de um professor, tendo em vista que a sala de aula é o lugar onde se tem a possibilidade de explorar a capacidade criadora com inovação. A poesia encanta os alunos, além de ter o poder de despertar esses jovens para o mundo novo da alegria, inventividade, criatividade, espontaneidade, graça, etc. É nesses

aspectos que encontraremos a tão esperada resposta para a pergunta “Por que trabalhar com a poesia em sala de aula?”, pois não se espera que a escola forme grandes poetas, mas sim desenvolver nos seus alunos capacidades múltiplas para sentir esse gênero e qualquer outro e, desta forma, o professor ficará incumbido de provocar esses momentos de sensibilização, iluminando os caminhos para as leituras poéticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

Parâmetros Curriculares Nacionais: **Língua Portuguesa: primeiro e segundo ciclos / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental**. 3. ed. – Brasília : A Secretaria, 1998.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 2.ed., João Pessoa: Idéia, 2002.

PINHEIRO, Hélder (org.). **Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2000.

SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades**. Belo Horizonte. ed., Autêntica, 2009.